

Reforma prevê descentralização

Maria Luíza Dornas e o secretário César Baiocchi estudam a possibilidade de arrendar espaços culturais

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Nunca se viu pasmação igual. Brasília, do ponto de vista cultural, está fora da mídia brasileira desde o encerramento do Festival de Cinema, em novembro passado. Depois do discurso grandiloquente do ex-secretário Fernando Lemos — que prometeu colocar a cidade no mapa nacional — caiu no imobilismo. Não há um centavo sequer para investir em projetos culturais capazes de colocar a cidade em sintonia fina com o que de melhor se faz no País.

Lemos trouxe Júlio Medaglia para comandar a Sinfônica, Rogério Duarte para gerir o MAB. Prometeu colocar Capinan no time da agitação de bibliotecas e discotecas. Criou o Pólo de Cinema e Vídeo. Garantiu que Brasília cumpriria seu ideal. Seria um centro irradiador de cultura para todos os Brasis. Olharia as regiões com a mira apontada para o mundo. Afinal, a cidade nasceu de três visionários (Niemeyer, o maior deles, e JK e Lúcio Costa, ao lado). Sem dinheiro, o discurso de Lemos desmanchou-se no ar. Ele deixou o cargo e foi substituído pelo médico César Baiocchi, pessoa afável, educada, que sabe ouvir. Há dois meses à frente da Secretaria de Cultura, tudo leva a crer que nada vai mudar. O Brasil parece ligado apenas nos movimentos da seleção canarinho, que ruma para os gramados dos EUA, e nas eleições (estaduais e federais) de outubro/novembro.

Para saber o que se passa na pirâmide que sedia a Secretaria de Cultura e Esporte e seu braço executivo, a Fundação Cultural, o *Caderno 2* ouviu Maria Luíza Dornas, 40 anos, há quatro no comando do Cultural do GDF. Amiga do governador Joaquim Roriz, ela se manteve firme como uma rocha nas gestões de Márcio Cotrim, Fernando Lemos e, agora, de César Baiocchi. O que se segue é o resumo de conversa dura e franca.

— **O que está havendo? A Secretaria e a Fundação Cultural, que detêm quase 80% dos espaços culturais da cidade, sumiram do mapa.**

— Estamos trabalhando incansavelmente. O secretário Baiocchi assumiu o cargo há pouco tempo e para gestão de apenas 10 meses. Ele não é irresponsável, não vai prometer mundos e fundos. Com sua cautela e poder de organização, ele está arrendando a casa.

— **Você está concordando comigo. A SCE/FCDF parou. Está cuidando apenas de problemas internos, burocráticos.**

— Não, repito. Acabamos de sair de greve funcional que durou quase um mês e cancelou espetáculos como o *Paratodos*, de Chico Buarque. Precisamos, ainda, de mais 15 dias para retomar contatos, recolocar tudo em fun-



"Nossa falta de recursos insere-se numa crise geral", diz Luíza Dornas

PROMESSAS

Julho — Volta dos projetos *Made in Brasília* e *Sarau*

Agosto — *Festival de Folclore e Cultura Popular*

Setembro — *Paratodos* — Show de Chico Buarque (dias 11 de agosto, e 1º, 2 e 3 de setembro)

— *Encontro Nacional de Escritores e Feira do Livro* (apoio)

— *Encontro Nacional de Dramaturgia*

Outubro — Fórum Nacional de Artes Plásticas (apoio)

Novembro — Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

Em estudos: *Exposição Bienal Brasil Século XX* (organizada pela Fundação Bienal de São Paulo) — Se houver recursos, a mostra que os paulistas a vêem até domingo chegará ao MAB no segundo semestre.

cionamento. Já acertamos com o empresário do Chico e ele estará no Teatro Nacional na primeira semana de setembro. A Orquestra Sinfônica vem fazendo concertos belíssimos, todas as nossas galerias estão funcionando. Hoje mesmo estou recebendo o Fernando Bicudo, que dirige o Teatro Arthur Azevedo, de São Luís. Vamos permutar projetos na área operística.

A Sinfônica continua sem maestro? Você acredita que um corpo orquestral pode conquistar credibilidade nacional e internacional sem um maestro que lhe dê um perfil?

— Este assunto é controvertido. Por enquanto, continuamos sem maestro titular porque queremos, para o cargo, um grande nome. Um homem extremamente qualificado e bom caráter.

Você está insinuando que o maestro anterior, Júlio Medaglia, era mau caráter?

— De forma alguma. Só que queremos um maestro de primeira linha, que se dedique mesmo à orquestra, um corpo estável e muito respeitado.

Quem, no Brasil, tem este perfil?

— Há muitos profissionais.

E por que você não os

convida a assumir o comando da OSTNCS?

— Convidei o maestro Henrique Morelembaum, um profissional que cabe perfeitamente no perfil que desenhamos. Infelizmente, ele declinou do convite. Mas vem, como maestro convidado, nos dando força total.

Brasília está fora do grande calendário nacional. Mostras de cinema (como a do Estação Botafogo e a de Leon Cakoff), de artes plásticas, de teatro etc, não chegam até aqui. A Fundação Bienal promete colocar a megamostra Bienal Brasil Século XX circulando pelo País. Ele chegará a Brasília.

— Recebemos o orçamento da Bienal e estamos analisando. O preço é alto e temos que avaliá-lo com calma.

A fonte secou? O GDF não está mais destinando recursos à Cultura? O que houve?

— Não há nenhuma má vontade do governador com o setor cultural. Nossa falta de recursos insere-se num contexto geral. Faltam recursos para a educação, saúde, segurança pública. A crise é geral. No primeiro ano de

nossa gestão, em 91, trabalhamos com um bom orçamento. Depois ele foi minguando. Agora, estamos realmente de pires na mão. Os recursos orçamentários mal dão para a manutenção da Secretaria e da Fundação. Não temos um centavo sequer em caixa. Aliás, agora, quem tem recursos para financiar projetos é o Faac (Fundo de Apoio à Arte e à Cultura).

E o que produz este Fundo? Bailes da saudade, festivais de música do Lions Clube. O que é isto? A SCE/FCDF virou casa de caridade?

— Não temos responsabilidade sobre a escolha dos projetos que fazem jus a recurso do Faac. A decisão cabe ao Conselho de Cultura do DF, um órgão colegiado.

E onde o secretário de Cultura e a diretora da Fundação Cultural têm assento cativo. Você e Baiocchi integram o colegiado e o Governo tem ainda outros representantes.

— O secretário e eu não podemos vencer votação no Conselho só com dois votos. Os outros representantes do Governo são pessoas de grande notoriedade cultural, que votam segundo suas próprias análises e convicções.

Uma pessoa de notório saber cultural aprova apoio a bailes da saudade?

— O tema está em discussão no colegiado, seu fórum legítimo. Em breve anunciaremos novos princípios.

A relação da Secretaria e Fundação com seus conselhos tem-se dado de forma muito confusa. Até hoje, projetos como Made in Brasília e o Sarau estão emperrados no Conselho Deliberativo.

— Estamos resolvendo pequenos problemas de percurso. Alguns conselheiros argumentam que só investimos em projetos do Plano Piloto. Por isto solicitaram documentação mais detalhada. Já encaminhamos tudo. O Sarau e o Made in Brasília são projetos testados e aprovados pelo brasiliense e voltam, tenho certeza, em julho próximo.

Em que a grande reforma burocrática comandada por César Baiocchi contribuirá com a vida cultural da cidade?

— A reforma está em processo. Os conselhos já discutiram seus regimentos internos e a SCE e a FCDF serão totalmente reformuladas. **Próprios** nossos como o Espaço Cultural da 508 Sul ganharão autonomia para agir. Teremos várias minifundações culturais, descentralizadas e capacitadas a captar recursos para mover seus projetos. Estudamos até a possibilidade de arrendarmos nossos *próprios* a terceiros.

O que nos garante que não acontecerá algo similar ao Cine Itapoá, que foi entregue ao preço mensal de um ingresso de cinema, durante 10 anos, a um inexistente cineclube do Gama?

Isto não acontecerá, de forma alguma. Se a idéia se corporificar, nossos *próprios* serão arrendados a preços justos, de forma que dêem lucros. E estes lucros serão investidos pelo estado em projetos culturais.